

# Identidade e cultura em psiquiatria da infância

*Francisco B. Assumpção Jr.*

Há aproximadamente 1,5 milhão de anos, um pequeno antropóide, em função de necessidades adaptativas, passou a desenvolver uma série de características anatômicas que passaram a diferenciá-lo de maneira distinta.

Assim, passou a desenvolver fâcies plana e vertical com arcos superciliares reduzidos, mandíbula inferior menos saliente, mãos com polegares mais bem desenvolvidos e, em oposição com os demais dedos, alterações no ângulo do acetábulo com pernas mais compridas e retas (Storer, 1961). Mas, principalmente, passou a apresentar um encéfalo com maior capacidade funcional, com o desenvolvimento de várias estruturas que lhe permitiram a construção e o emprego de utensílios, a modificação do ambiente em seu benefício, a formação de conceitos intelectuais, o desenvolvimento de uma linguagem articulada e, em função de ser uma espécie gregária, a formação de uma vida social sofisticada e complexa.

Dessa maneira, passa a constituir sociedades nas quais se estabelecem regras necessárias para a adaptação social do indivíduo, bem como para a subsistência do próprio grupo.

Criam-se, assim, culturas, com características ligadas diretamente ao meio social, transmitidas por seus membros. Essa cultura determina, então, papéis que correspondem a comportamentos determinados pelas forças sociais e que, muitas vezes, são diferentes dos comportamentos biologicamente determinados (Murphy, 1986), tendo-se a obrigação de corrigir abordagens reducionistas e limitadas que propõem um modelo exclusivamente biológico como capaz de produzir uma leitura adequada das doenças mentais (Engel, *apud* Hughes, 1992).

Dentro desse processo de desenvolvimento, como podemos então imaginar, a cultura possui um papel fundamental. Assim, ela pode ser considerada como *uma configuração de imagens e outros elementos simbólicos desenvolvidos e aceitos pelos membros de uma sociedade ou grupo social para, individualmente, funcionar como orientação no comportamento, e, para o grupo, servir de matriz comunicacional que tende a coordenar e sancionar os comportamentos* (Hughes, 1992).

Criam-se, assim, paradigmas que, em determinada cultura, define exatamente aquilo que lhe é peculiar, de maneira a que se estabeleça enquanto identidade, que pode ser considerada como “a convicção do indivíduo de pertencer a um grupo social, a qual repousa sobre um sentimento de

## RESUMO

O autor caracteriza os conceitos de identidade e cultura, procurando precisá-los na América Latina com todas as suas contradições. Aponta assim as dificuldades dessa constituição em nosso ambiente, comprometendo a formação de nossas crianças.

## PALAVRAS-CHAVE

Identidade, cultura, psiquiatria da infância.

comunidade geográfica, lingüística e cultural, e que ocasiona certos comportamentos específicos. Proporciona sentimentos de identidade, que reúne em si, os conceitos de identificação e de sentimento de si" (Larousse, 1998).

Dentro desse contexto desenvolve-se o Ser (Hurtado, 1997).

Nesse processo de desenvolvimento são influenciados o comportamento e os sistemas cognitivos de maneira clara. O primeiro, de maneira a estabelecer comportamentos "aprovados" para a grande variabilidade das condutas cotidianas.

Assim, diferentes áreas são influenciadas, tais como a conduta sexual (por exemplo, a sexualidade pré-puberal, a atividade sexual, a masturbação, as posições coitais, o orgasmo, o sexo pré-marital, a homossexualidade e algumas parafilias) ou as posturas diante dos processos metabólicos de eliminação de fezes e urina (como repulsa e nojo), de tal maneira que, mesmo estudos etnográficos mostrando as grandes variações existentes entre diferentes grupos culturais nesses padrões, as classificações psiquiátricas adotam, muitas vezes, padrões diagnósticos profundamente influenciados por formas de cultura mais predominantes.

Da mesma maneira que os padrões comportamentais, também os processos cognitivos são por ela influenciados, uma vez que as concepções de corpo e de existência sugerem posturas diagnósticas e terapêuticas específicas, mesmo sendo nossa especialidade basicamente originária da cultura européia e americana, profundamente centrada, portanto, no pensamento grego de existência.

Em nossa América Latina, esses paradigmas hoje, naquilo que se refere à própria identidade, mostram dificuldades marcantes, uma vez que nos deparamos com um contexto eminentemente voltado e influenciado por uma cultura pragmática vinculada a esquemas de produção e desempenho que desconsideram de maneira flagrante as raízes e as possibilidades de nossa população infantil, ainda em fase de construção da própria identidade e, portanto, bastante vulnerável às influências socioculturais, como já referia Ajuriaguerra (1972). Tal processo torna-se, então, tão difícil de ser avaliado que antes de mais nada temos de nos perguntar quem é a criança latino-americana, para depois avaliarmos a construção dessa identidade.

Considerando-se que a criança se constrói a partir de um equipamento genético constitucional e de um equipamento sociocultural (Ajuriaguerra, 1972), estrutura-se a relação desse ser com seu mundo circundante de maneira permeada por significados pessoais e sociais que irão constituir sua identidade. A partir disso, estrutura-se o estar-no-mundo.

Esse termo, difícil de ser precisado, caracteriza a própria estruturação do ser humano, inserido em um sistema de relações, como um suceder de possibilidades de maneira a que haja uma indeterminação da própria existência, decorrente da própria ausência de uma eleição final. Assim, ele é um movimento, possibilidade infinita de "estar sendo", teoricamente: sempre em aberto. Teoricamente porque são os valores culturais que irão enfatizar aquilo que é essencial naquele grupo, vinculando a auto-estima e a responsabilidade de decisão ao indivíduo para que ele escolha o caminho previamente determinado. Isso porque esses valores culturais caracterizam uma pessoa idealizada. Portanto, uma das primeiras questões relativas às nossas crianças pode ser vista como decorrente do conflito entre os valores culturais expressos por uma cultura globalizada, massificada e definida economicamente, e valores vinculados a noção de povo, microcultura e raízes que determinam uma identidade mais individualizada.

O existente é o ser-no-mundo, ou seja, ele é a relação do Eu com o Não-Eu das coisas ("existir-com") e das pessoas ("co-existir"), processado de maneira não acidental, mas participante da própria existência.

Essas noções de Eu e de Não-Eu são derivadas dos movimentos de consciência, definidos pela própria intencionalidade, com a consciência unificando e incorporando à existência pessoal o objeto exterior.

Torna-se, assim, de fundamental importância, a forma como nos relacionamos com o encontrado, como vivemos, como produzimos e como conhecemos aquilo que nos cerca. Nesse sistema de relações, produz-se, muitas vezes, um "velamento" pelo qual oculta-se de si mesmo o significado real (individual) do que é encontrado. Os mecanismos desse velamento são, portanto, profundamente influenciados pelos valores e pelas influências da cultura.

Dessa forma, aquilo que se nos é apresentado desperta nossos interesses e preocupações, ligados muitas vezes a diferentes coisas que não os interesses do próprio ser. Dessa maneira, o mundo transforma-se em um sistema de "relacionamento de úteis?", sem significado individual e sem envolvimento.

*Um mundo que podemos explicar mesmo por meio de razões más é um mundo familiar. Mas ao contrário, num Universo subitamente privado de ilusões e luz, o homem se sente um estrangeiro* (Camus).

Esse mundo constitui-se a partir de várias instâncias. Uma instância biológica, ambiental e natural, que inclui as necessidades, impulsos e instintos básicos, constituindo-se enquanto esfera básica para a construção das seguintes e representando afinidade e a limitação do homem diante de si mesmo e de seu mundo.

Diante dela, o indivíduo posiciona-se, muitas vezes, de modo difícil por ter de enfrentar seu próprio medo da limitação e da afinidade, dirigindo-se para um mundo público e impessoal que impede suas próprias possibilidades de realização pela exploração adequada de suas reais possibilidades.

Nas nossas crianças essa instância já é afetada de maneira característica, uma vez que ela se defronta com a limitação das carências ambientais que não lhe permitem, muitas vezes, padrões de desenvolvimento a contento.

Outra instância é a dos seres e das inter-relações, que se tornam cada vez mais complexas, criando-se sistemas em que cada indivíduo dá um significado próprio.

Essas inter-relações, em nossas crianças, apresentam-se ainda mais difíceis, uma vez que estruturam-se padrões relacionais, ligados muito mais a esquemas de produção e desempenho que a esquemas personalizados, favorecendo-se assim a superficialidade e o não-envolvimento.

Finalmente, estabelece-se o mundo próprio das relações do indivíduo consigo mesmo, pressupondo autoconsciência e auto-relação, não somente como experiência interior ou subjetiva, mas dando à realidade uma perspectiva própria que lhe permite elaborar o projeto existencial com um significado atribuído às coisas e às pessoas.

Nessa categoria, defrontam-nos então com a própria contradição de nosso continente, perdido entre transformar-se em um bloco política e economicamente importante no contexto mundial ou preservar suas raízes e cultura e, em conseqüência, sua identidade, corroborando-se assim a idéia de que "identidade é conflito" (Paglia, 1992).

Dessa maneira difícil, constitui-se a identidade que caminha par e passo com o próprio desenvolvimento infantil em relação a seus aspectos afetivos e cognitivos, identidade essa que deveria vir permeada por aspectos culturais que a caracterizassem, uma vez que "a afirmação da identidade cultural é um ato libertador, uma arma no combate a serviço da independência efetiva e instrumento privilegiado do pleno desenvolvimento individual (M'bow, 1982).

Durante os três primeiros anos de vida, a criança desenvolve gradativamente uma identidade autônoma. Isso se processa a partir de um movimento de consciência, primeiramente arreflexivo e sem noção de Eu, sendo somente "consciência de si próprio".

Posteriormente surge um pensar sobre o si mesmo, constituindo assim, conforme refere Sartre (1985), uma consciência arreflexiva num primeiro momento, seguida por um segundo movimento de consciência reflexiva e em um terceiro momento enquanto consciência reflexiva e posicional ao próprio Eu.

Aparece, então, um primeiro esboço da própria identidade, profundamente influenciado pelo ambiente que a cerca.

A partir desse processo reflexivo sobre si mesmo e sobre o mundo circunjacente, percebe-se o outro (no caso da criança, seus pais) como alguém próximo, capaz de protegê-lo e de dirigi-lo ao melhor lugar.

Paralelamente, começa a se estruturar (também por meio dos movimentos de consciência) a exploração desse mundo e de suas relações, estabelecendo uma identidade mais sofisticada, masculina e feminina, com características próprias, porém sob a égide da aprovação parental e social. Individualiza-se, assim, mais ainda a identidade, com esse processo de individualização sexual surgindo como uma coleção de crenças, fantasias e emoções que definem sua própria identidade, embasada em regras familiares e sociais (Gemelli, 1996).

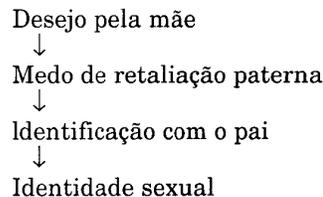
Ela começa, então, a se conscientizar das próprias aspirações e do desejo de perfeição, embasada inicialmente na identificação com os próprios pais que tendem, muitas vezes, a não percebê-los como individualidades próprias.

De forma semelhante, a identidade de gênero compreenderá as próprias crenças e fantasias que permeiam esses papéis de masculinidade e feminilidade.

Temos assim que, embora esse padrão de conduta dependa do próprio desenvolvimento infantil, ter relações íntimas com o padrão cultural no qual se insere, de acordo com o que observamos a partir dos diferentes modelos de compreensão (Maccoby, 1966).

### **Modelo freudiano**

No qual o processo de identidade sexual se estrutura a partir da resolução do Complexo de Édipo, característico em nossa cultura:



### **Modelo cognitivo**

A partir da própria exploração do corpo, com a criança sendo seu próprio epistemologista, constrói-se sua identidade por comparação com o outro:

Identificação sexual a partir da exploração corporal  
 ↓  
 Modelo paterno  
 ↓  
 Ligação com o pai

### **Modelo de aprendizagem social**

A partir dos aportes fornecidos pelo ambiente, estabelece-se ao maior ligação com o genitor com o qual se identifica a partir dos valores apresentados:

Ligação com o pai proporciona maior reforço  
 ↓  
 Identificação com o modelo paterno  
 ↓  
 Identidade sexual

Entretanto, como refere Merleau-Ponty (1971), o homem é uma idéia histórica e não uma espécie natural, não havendo em sua existência nenhuma posse incondicionada nem atributo fortuito. Assim, tudo que se é, se é em uma situação de fato, que fazemos nossa, e que transformamos incessantemente por meio de uma liberdade que não é incondicionada.

Assim, o processo de identidade, profundamente ligado à questão da cultura e da liberdade, não pode ser transformado em uma coisa, uma vez que ela envolve todo o Ser, em sua relação com o mundo.

Em nossa realidade temos, então, a dicotomia já citada anteriormente e deveríamos pensar que, para um desenvolvimento mais saudável, o “nosso” não poderia estar alienado de seu próximo, passando assim ser necessário erigir a integração da infância latino-americana com sua realidade de modo a que, em nosso território, a diversidade (e não a globalização) é que se constitua em fator de transcendência (Hurtado, 1997).

Entretanto, essa dicotomia, favorecedora da perda da identidade cultural, decorrente de processos de aculturação que se realizam no interior das próprias cidades com a desvalorização das culturas originais em relação às mais globalizadas, leva a incerteza diante do próprio mundo e ao fracasso dos grandes grupos em incorporar e tolerar os minoritários (em nosso caso nossas próprias crianças), que assim se

marginalizam e não se integram em um contexto social (Mix, 1984).

*El sistema trata a los niños; a los niños ricos trata como se fueran dinero, a los niños pobres los trata como si fueran basura, y a los del medio, los tiene pegados a la pantalla del televisor* (Galeano apud Hurtado, 1997).

### **SUMMARY**

The author characterizes the culture and the identity concepts, trying to specify them in Latinamerica, with all of its contradictions. The difficulties of that construction in our environment are, thus, pointed committing our children's formation.

### **KEY WORDS**

Identity, culture, child psychiatry.

### **Bibliografia**

1. AJURIAGUERRA, J. **Manual de Psiquiatria Infantil**. Barcelona; Toray-Masson, 1972.
2. CAMUS, A. **Le mythe de Sisyphe**. Paris, Gallimard, 1942.
3. **Grande Enciclopédia Larousse - Cultural**. São Paulo, Abril Cultural, 1998.
4. GEMELLI, R. **Normal Child and Adolescent Development** Washington, American Psychiatric Press, 1996.
5. HUGHES, C.C. Culture in clinical. Psychiatry. In: GAW, A.C.; **Culture, ethnicity & mental illness**. Washington, American Psychiatric Press, 1992.
6. HURTADO, G.T. Paradigmas infantiles y America Latina. **Infanto (3)**: 131-133; 1977.
7. MACCOBY, E.T. Development of sex differences. Rinebait Winaton, Holt, 1966.
8. MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo, Freitas Bastos, 1972.
9. M'BOW, A.M. A dimensão humana. **Correio da UNESCO 10(9)**: 4-8; 1982.
10. MIX, M.R. Choque cultural e delinqüência, **Correio da UNESCO 12(3)**: 30-33; 1984.
11. SARTRE, J.P. **La transcendence de l'Ego**. Paris, Lib. Philosophique, 1985.
12. STORER, T.I.; USLENGER, R.L. **Zoologia General**. Barcelona, Omega, 1961.

### **Endereço para correspondência:**

F.B. Assumpção Jr.  
 Inst. Psiquiatria – Amb. Infantil  
 Av. Dr. Ovídio Pires de Campos, s/nº  
 Andar térreo – Cerqueira César  
 CEP 05403-900 – São Paulo, SP, Brasil